

A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PIBID

Rita de Cássia Pizoli Oliveira¹
Maria Heloísa Rufino dos Santos²
Francielle Oliveira Chaves³

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar e refletir sobre as experiências pedagógicas vivenciadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), destacando suas contribuições para a formação inicial docente e para o processo de alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental. Trata-se de um relato de experiência, fundamentado na observação sistemática, no acompanhamento pedagógico e na realização de intervenções didáticas junto a uma criança que se encontra na fase silábica com valor sonoro. As práticas desenvolvidas foram orientadas pelos pressupostos teóricos de Soares (2020), especialmente no que se refere às hipóteses de escrita e à importância da mediação pedagógica na Zona de Desenvolvimento Proximal da criança. Nesse contexto, compreende-se que as produções escritas da criança não devem ser interpretadas como erros, mas como indícios do processo de construção do conhecimento sobre o sistema de escrita alfabética. Os resultados evidenciam que a mediação docente intencional, pautada no respeito ao ritmo e às hipóteses da criança, favorece avanços significativos na compreensão das relações entre fala e escrita, contribuindo para o desenvolvimento das capacidades cognitivas e linguísticas necessárias à alfabetização. Além disso, a experiência no PIBID possibilitou a articulação entre teoria e prática, promovendo reflexões sobre o papel do professor alfabetizador e fortalecendo a construção da identidade docente. Conclui-se que o PIBID constitui um espaço formativo fundamental, ao proporcionar vivências concretas no contexto escolar e ao contribuir para a qualificação do processo de ensino e aprendizagem na escola pública.

Palavras-chave: PIBID, Alfabetização, Mediação pedagógica.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como temática o relato de experiência de ensino e aprendizagem vivenciadas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), as contribuições específicas que o projeto oferece à prática docente inicial, trazendo a oportunidade de colocar em prática as teorias estudadas, e ao mesmo tempo, contribuir para a realidade de escolas públicas que enfrentam desafios cotidianos.

O subprojeto de Pedagogia visa compreender e intervir nas dificuldades apresentadas por alunos da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, especialmente no processo de alfabetização, assim, promovendo práticas pedagógicas planejadas, reflexivas e fundamentadas teoricamente.

¹ Professora do Colegiado de Pedagogia e coordenadora do PIBID. UNESPAR Paranavaí-PR. rita.pizoli@unespar.edu.br.

² Pibidiana do curso de Pedagogia da UNESPAR.

³ Pibidiana do curso de Pedagogia da UNESPAR.



A problemática que orienta este artigo está relacionada às dificuldades de aprendizagem manifestadas por alunos em processo de alfabetização, evidenciadas na leitura, na escrita e até na oralidade. E muitas dessas dificuldades, demandam intervenções pedagógicas intencionais que considerem o desenvolvimento da criança em sua dimensão histórica, social e cultural, superando práticas exclusivamente mecanicistas ou descontextualizadas.

Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é analisar as contribuições de intervenções didáticas desenvolvidas no âmbito do PIBID para o avanço no processo de alfabetização desses alunos, observando os progressos na leitura, na escrita e na oralidade a partir de ações pedagógicas mediadas.

A Teoria Histórico-Cultural fundamenta o trabalho desenvolvido, especialmente nos pressupostos de Vigotski (1930), que compreende o desenvolvimento humano como resultado das interações sociais mediadas pela linguagem e pela cultura. Nesse sentido, compreende-se que a aprendizagem precede o desenvolvimento e ocorre por meio da mediação pedagógica na zona de desenvolvimento proximal. Estes princípios dialogam com autores como Soares (2020), cujas contribuições sobre alfabetização e letramento reforçam a importância de práticas significativas, contextualizadas e socialmente situadas no processo de apropriação da linguagem escrita.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, trata-se de um estudo de caso envolvendo uma aluna, chamada Olivia, aqui nomeado com nome fictício a fim de manter o anonimato conforme normas de ética na pesquisa com seres humanos. O estudo foi desenvolvido a partir de intervenções didáticas no processo de alfabetização. As ações foram realizadas por meio de observações sistemáticas dos avanços na leitura, na oralidade e na escrita, com intervenções quinzenais, com duração aproximada de duas horas, ao longo de 4 meses, totalizando 10 intervenções. As atividades foram planejadas de forma intencional, considerando as necessidades específicas dos alunos e os princípios teóricos que orientam o projeto.

Assim, o estudo vai se estruturando da seguinte maneira, inicialmente, apresenta-se a fundamentação teórica que sustenta a análise das dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização; em seguida, descrevem-se os procedimentos metodológicos adotados; posteriormente, são discutidos os resultados das intervenções pedagógicas realizadas; e, por fim, são apresentadas as considerações finais, nas quais se retomam as principais reflexões e contribuições do trabalho.



METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, desenvolvida a partir de um relato de experiência vivenciado no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A investigação foi realizada em uma escola pública da rede municipal de ensino, situada no município de Paranavaí, envolvendo uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental. E os procedimentos metodológicos adotados incluíram a observação participante, o registro em diário de campo, a análise de planejamentos pedagógicos, bem como a reflexão sistemática sobre as práticas desenvolvidas durante as intervenções pedagógicas. As atividades foram planejadas em conjunto com os objetivos do PIBID, priorizando ações voltadas ao processo de alfabetização e letramento das crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização: o que diz a teoria?

Ao longo da experiência nas intervenções didáticas no contexto das práticas pedagógicas voltadas à alfabetização, tenho percebido desafios que dialogam diretamente com as reflexões apresentadas por Soares (2020) no texto “Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos”. A autora destaca que, quando a criança começa a atribuir letras aos sons iniciais das palavras, mesmo utilizando apenas uma letra ou escolhendo letras que apenas lembram determinados sons, ela revela um avanço importante na compreensão do sistema alfabético, assim, essas produções não são erros, mas hipóteses de escrita, mostrando que criança está construindo gradualmente a compreensão do princípio alfabético. Dessa forma, o papel do professor é propor situações que ajudem a criança a avançar dessa percepção inicial para uma correspondência mais consistente entre a fala e a escrita.

Esse estágio, embora desafiador, revela avanços importantes no percurso para se tornar plenamente alfabética, pois demonstra que a criança está atribuindo sentido às representações gráficas e buscando compreender o funcionamento do sistema de escrita. Nesse período inicial, não se trata propriamente de ensinar, mas de exercer a mediação de aprendizagem, atuar na zona de desenvolvimento proximal, acompanhando as capacidades disponíveis em cada momento de desenvolvimento da criança, até que ela atinja condições cognitivas e linguísticas para compreender e se apropriar plenamente do sistema alfabético (Soares, 2020).



Isso explica que, no início da alfabetização, o papel do professor não é ensinar diretamente o sistema alfabético, mas mediar a aprendizagem, oferecendo apoio e desafios adequados ao que a criança já é capaz de fazer em cada etapa. Atuando na Zona de Desenvolvimento Proximal, o professor ajuda a criança a avançar do que ela consegue sozinha para o que pode realizar com orientação, respeitando suas hipóteses sobre a escrita e seu modo particular de pensar nesse momento. Assim, a mediação intencional e contínua permite que a criança desenvolva gradualmente as condições cognitivas e linguísticas necessárias para compreender e se apropriar plenamente da escrita alfabética.

Essa situação levou-me a refletir sobre o risco de privilegiar apenas práticas de letramento no ensino sistemático das relações fonema-grafema, aspecto que Soares (2020) aponta como um dos descaminhos da alfabetização contemporânea, e a partir dessa constatação, passei a compreender a importância de planejar atividades que envolvessem tanto o contato com textos reais quanto intervenções intencionais voltadas à alfabetização.

E nessa perspectiva, torna-se fundamental compreender as dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização por meio da Teoria Histórico-Cultural, que concebe o desenvolvimento humano como constituído pelas relações sociais historicamente produzidas.

Conforme Tuleski, Chaves e Barroco (2012), a linguagem escrita configura-se como uma técnica cultural complexa, cuja apropriação demanda ensino sistematizado e intencional, não ocorrendo de forma natural ou espontânea. Assim, a compreensão implica reconhecer que o acesso ao sistema de escrita depende de práticas organizadas que possibilitem à criança avançar em suas hipóteses sobre a escrita. Deslocando a discussão das supostas limitações individuais para a análise das condições objetivas de ensino e das oportunidades de acesso aos conhecimentos historicamente produzidos.

Essa compreensão ajuda a analisar a situação vivenciada no PIBID, pois a criança acompanhada, ao se encontrar na fase silábica sem valor sonoro, demonstra estar em pleno processo de construção dessa técnica cultural. Suas produções revelam hipóteses elaboradas a partir das interações escolares, o que confirma que o desenvolvimento da escrita está diretamente relacionado à qualidade das mediações oferecidas no contexto educativo. Nas intervenções realizadas, essa concepção tornou-se evidente ao propor atividades que envolviam a oralização das palavras, a reflexão sobre os sons e a escrita coletiva, possibilitando que a criança avançasse para além do que conseguiria realizar sozinha. Essa etapa expressa um momento qualitativo do desenvolvimento que pode avançar à medida que o



ensino proporciona situações desafiadoras, capazes de promover a reorganização das estruturas de pensamento.

As autoras do livro "A alfabetização sob o enfoque histórico-crítico" destacam que a escrita promove transformações qualitativas no desenvolvimento infantil, pois exige níveis mais elaborados de abstração e consciência linguística. Nesse sentido, elas afirmam que: "[...]a necessidade de escrever precisa ser engendrada em situações volitivas no processo de aprendizagem, requerendo um alto grau de consciência desse processo de apropriação da escrita como um complexo instrumento cultural" (Martins; Dangió, 2018, p. 45).

Assim, a análise da prática no PIBID evidencia que o enfrentamento das dificuldades de alfabetização não reside na simples repetição de exercícios, mas na criação de condições pedagógicas que favoreçam a apropriação consciente do sistema alfabético. O ensino, nessa perspectiva, assume papel estruturante, pois é por meio dele que a criança pode superar formas iniciais de compreensão e alcançar níveis mais elaborados de pensamento sobre a linguagem escrita.

De acordo com Vigostky (2009, *apud*, Dangió, Martins, p.213): [...] dominar a fala humana- esse instrumento delicado e complexo de formação e de transmissão do pensamento, do sentimento e do mundo interior humano". E com isso, as autoras explicam que, ter o domínio da leitura e da escrita trazem muitos benefícios, como, a participação ativa da vida social, agir e interagir com as significações e conhecimentos sistematizados historicamente, fazendo que alcance lugares cada vez mais elevados de desenvolvimento.

Nessa perspectiva, o domínio da leitura e da escrita não se restringe à aquisição de uma habilidade técnica, mas representa a inserção ativa do sujeito nas formas mais desenvolvidas de produção cultural. A apropriação do sistema de escrita possibilita à criança participar de maneira mais consciente da vida social, acessar conhecimentos sistematizados historicamente e operar com conceitos cada vez mais complexos, promovendo avanços qualitativos em seu desenvolvimento. Assim, a alfabetização, sob a ótica histórico-cultural, constitui um processo formativo que transforma não apenas a capacidade de comunicação, mas a própria estrutura do pensamento da criança, evidenciando o papel estruturante do ensino na constituição do desenvolvimento humano.

2.Intervenções realizadas e análise do desenvolvimento dos alunos

Nesse Tópico detalharemos as intervenções didáticas junto a uma criança que se encontra na fase silábica sem valor sonoro. No contexto da prática pedagógica no PIBID,



acompanho uma aluna que se encontra na etapa silábica sem valor sonoro, fase em que a criança já estabelece uma relação entre as letras e os sons, ainda que de forma inicial e não convencional (Soares, 2020). Quando comecei com as intervenções com atividades simples para saber o nível em que a criança estava, pedi para ela escrever com as letras do alfabeto móvel as palavras que nomeiam animais, e pude perceber que ela se encontrava nesta fase.

Segundo Soares (2020) na fase silábica sem valor fonético a criança já percebe que as palavras são formadas por partes sonoras (sílabas) e representa cada uma delas como uma letra. No entanto, essa escolha ainda não corresponde aos sons da fala, pois ela ainda não percebia a necessidade de relacionar cada fonema da palavra a um grafema específico.

A escolha do livro “Sabe de quem era aquele rabinho?” (Sallut, 1995) como ponto de partida das intervenções pedagógicas não ocorreu de maneira aleatória, mas esteve vinculada à intencionalidade de desenvolver práticas de alfabetização inseridas em um contexto significativo para as crianças. A obra apresenta uma narrativa envolvente, com personagens cativantes e uma situação-problema que desperta curiosidade, com a presença de um “intruso” na fotografia da festa de despedida do elefante Léo. Esse enredo possibilita trabalhar a antecipação de sentidos, a formulação de hipóteses, a observação de pistas no texto e nas imagens, além de favorecer a construção de inferências, elementos essenciais no processo de formação do leitor.

A proposta pedagógica foi organizada a partir da perspectiva de que a alfabetização deve ocorrer articulada às práticas sociais de leitura e escrita, superando atividades mecânicas e descontextualizadas. Nesse sentido, a escolha do livro “Sabe de quem era aquele rabinho?” (Sallut, 1995) constituiu-se como eixo integrador das intervenções, possibilitando o desenvolvimento de situações didáticas que contemplassem a leitura compartilhada, a reflexão sobre o sistema de escrita alfabética e a produção de textos com função social definida. Ao propor atividades como elaboração de listas, convites, cardápio e carta de despedida, buscou criar situações reais de uso da escrita, favorecendo a construção de sentidos e o avanço nas hipóteses de escrita, assim, o trabalho articulou a alfabetização e letramento como dimensões complementares, promovendo aprendizagens significativas e fortalecendo a compreensão da linguagem escrita como prática social.

Pedagogicamente, o livro ofereceu múltiplas possibilidades de exploração do sistema de escrita alfabética. A partir da leitura compartilhada, foi possível desenvolver atividades relacionadas à identificação de sons iniciais dos nomes dos personagens, segmentação de palavras, comparação entre escritas e produção coletiva de textos vinculados ao contexto da



história, e a narrativa literária deixou de ser apenas um momento de utilização para se tornar um eixo estruturante das propostas didáticas.

Assim, planejamos trazer problemáticas para as crianças através desse livro, como ajudarem o elefante a produzirem as listas de convidados e comidas, os convites, fazerem a decoração da festa, o cardápio, e a carta de despedida para o elefante. Dessa forma, cada bolsista se dividiram em duplas e ficaram responsável por seguir a história e fazerem duas intervenções, nas minhas, com minha dupla, planejamos atividades para trabalharem e conhecerem a estrutura do convite e na outra intervenção, a estrutura do cardápio. A proposta pedagógica foi organizada em etapas, realizamos a leitura e exploração oral da obra, destacando os acontecimentos principais e os elementos que compõem a narrativa, em seguida, trabalhamos a produção da lista de convidados e comidas, explorando a função social desse gênero textual. Posteriormente, desenvolvemos o estudo da estrutura do convite, discutindo sua finalidade, seus elementos constitutivos (destinatário, data, local, horário e assinatura) e sua organização. Também foi abordado o gênero cardápio, comparando-o com a lista, a fim de que as crianças percebessem suas diferenças estruturais e funcionais, e ao final da sequência, realizamos produções escritas individuais e coletivas relacionadas à temática da festa.

Na primeira atividade após a retomada da leitura do livro foi realizada uma problematização com a turma, convidando as crianças a refletirem sobre os personagens da narrativa e a registrarem com o alfabeto móvel, os nomes dos animais que eram amigos do Elefante Léo. A proposta surgiu como desdobramento da contação da narrativa, no momento em que as crianças foram instruídas a escolherem um animal da história para representar por meio da escrita, e a aluna buscou registrar esses nomes por serem os animais que mais gosta, ainda sem estabelecer uma correspondência convencional entre os fonemas e grafemas. Nesse contexto, a aluna Olívia escolheu escrever as palavras “Leão” e “Hipopótamo”, demonstrando compreender que a escrita representa partes sonoras da fala, e durante a realização da atividade, observou-se que ela organizou uma letra para cada sílaba, porém ainda sem estabelecer correspondência convencional entre fonemas e grafemas. Assim, a produção evidencia características da fase silábica sem valor sonoro, revelando avanços na compreensão do sistema de escrita, ainda que não haja correspondência fonética estável.

Imagem 1: Escrita com alfabeto móvel da aluna Olívia





Fonte: arquivo próprio (2025).

No dia em que coordenei as atividades sobre o gênero convite, iniciamos retomando com as crianças como o elefante poderia convidar seus amigos para a festa, a partir de perguntas norteadoras “Como o elefante fez para conversar conosco?” e “Como podemos convidar esses amigos?” Promovemos uma roda de conversa para ativar os conhecimentos prévios da turma. Em seguida, apresentei modelos de convites e exploramos seus elementos, observando a organização do texto e sua finalidade social. Cada criança produziu um convite individual destinado ao animal que havia desenhado anteriormente, utilizando como apoio a ficha construída na aula anterior. Durante a escrita, circulei pela sala realizando intervenções individuais, incentivando a reflexão sobre a segmentação das palavras, o uso de letras conhecidas e a presença das informações essenciais no texto. A atividade foi finalizada com a socialização das produções, momento em que as crianças puderam ler seus convites para os colegas, fortalecendo a oralidade e a compreensão da escrita como prática social significativa.

Ao propor situações-problema para que as crianças refletissem sobre como convidar os amigos para a festa, buscamos criar um contexto real de uso da linguagem, no qual a escrita tivesse sentido e finalidade social. Nessa perspectiva, conforme aponta Soares (2020, p. 119), “não se trata propriamente de ensinar, mas de exercer a mediação de aprendizagem, atuar na zona de desenvolvimento proximal, acompanhando as capacidades disponíveis em cada momento de desenvolvimento da criança”. Assim, ao questionarmos como o elefante poderia convidar seus amigos e quais informações seriam necessárias em um convite, provocamos a reflexão dos alunos, favorecendo a construção de hipóteses sobre a escrita e sobre a função social do gênero trabalhado.



Imagem 2: Escrita com alfabeto móvel da aluna Olívia



Fonte: arquivo próprio (2025).

Com as intervenções pude acompanhar um pouco do avanço dessa aluna e isso foi muito significativo para mim, no início, eu percebia que ela ainda tinha muitas dúvidas e demonstrava insegurança ao escrever, mas, aos poucos, começou a se arriscar mais e a refletir sobre as letras e os sons. Cada pequena conquista, como reconhecer uma letra ou conseguir escrever uma palavra com mais autonomia, me deixava muito feliz. Foi emocionante perceber



que, com mediação, incentivo e atividades pensadas para sua necessidade, ela foi ganhando confiança. Essa experiência me marcou porque me mostrou, na prática, que a alfabetização acontece no processo, no cuidado diário e na escuta atenta às hipóteses da criança.

De acordo com Lima, Ribeiro e Prieto (2017, p. 29), “A escrita não se desenvolve naturalmente na criança, mas exige a apropriação consciente de uma técnica cultural, mediada por ações pedagógicas organizadas”. Essa afirmação reforça a compreensão de que a alfabetização não é um processo espontâneo ou decorrente apenas do amadurecimento biológico. Ao contrário, trata-se da apropriação de um instrumento cultural historicamente construído, que demanda intervenções pedagógicas intencionais e sistematizadas. Nessa perspectiva, o papel do professor é fundamental, pois é por meio da mediação consciente que a criança avança na compreensão do sistema de escrita, superando hipóteses iniciais e desenvolvendo progressivamente a consciência fonológica e a relação fonema-grafema. Assim, alfabetizar implica organizar situações didáticas que favoreçam não apenas o contato com textos significativos, mas também o ensino explícito dos elementos que estruturam a linguagem escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência com crianças em processo de aprendizagem da língua escrita evidenciou que alfabetizar vai muito além de ensinar letras e sílabas, exigindo práticas que articulem o domínio do sistema de escrita com o uso social significativo da leitura e da escrita. Em minhas observações e intervenções pedagógicas, notei que muitas crianças demonstravam interesse por histórias, bilhetes e textos do cotidiano, mas apresentavam dificuldades na relação entre a fala e a escrita.

E através das intervenções realizadas com a aluna em fase silábica sem valor sonoro, foi possível compreender que o avanço na aprendizagem ocorre por meio de mediações intencionais e planejadas de acordo com o nível de desenvolvimento em que ela se encontra. Os resultados trouxeram progressos mínimos, mas significativos, observando avanços na percepção sonora das palavras e nas tentativas de estabelecer correspondência fonema-grafema.

Assim, a reflexão sobre essa experiência me permitiu perceber que o ensino da língua escrita exige planejamento consciente e fundamentado, evitando tanto o ensino mecânico do código quanto práticas desprovidas de intencionalidade pedagógica. Ao articular alfabetização e letramento, compreendi que o papel do professor é mediar a aprendizagem de forma



equilibrada, promovendo situações de uso real da escrita sem abrir mão do ensino explícito e sistemático necessário à construção do conhecimento alfabético.

REFERÊNCIAS

BARROCO, Sonia Mari Shima; CHAVES, Marta; TULESKI, Silvana Calvo. Aquisição da linguagem escrita e intervenções. Maringá-PR: Fractal: Revista de Psicologia, 2012.

CARVALHO, Maria V. C. ; IBIAPINA, Ivana...

FRANCO, Adriana de Fátima; MARTINS, Lígia Márcia. **Palavra escrita:** vida registrada em letras a alfabetização para além da Política Nacional de Alfabetização (PNA). Goiânia-GO: Phillos Academy, 2021.

DANGIÓ, Meire Cristina dos Santos; MARTINS, Lígia Márcia. **A alfabetização sob o enfoque histórico-crítico:** Contribuições didáticas. Campinas- SP: Editora Autores Associados LTDA, 2018.

DANGIÓ, Meire dos Santos; MARTINS, Lígia Márcia. **A concepção histórico-cultural de alfabetização.** Salvador: Germinal: Marxismo e Educação em Debate, 2015.

LIMA, Elvira Souza. Quando a criança não aprende a ler e a escrever...

LIMA, Elieuzza Aparecida de Lima; PRIETO, Mariana Natal; RIBEIRO, Aline Escobar Magalhães. **Escrita na Educação Infantil e Teoria Histórico-Cultural:** desafios e especificidades. Uberlândia- MG: Obutchénie, 2017.

PIBID. Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

SOARES, Magda. **Alfaetrar:** Toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

